

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** OP-001 A / B

**Entrevistado:** José Feliciano da Costa Simões (Padre Simões)

**Local da entrevista:** Casa Paroquial Nossa Senhora do Pilar  
Praça Monsenhor Castilho Barbosa, 16 – Bairro Pilar –  
Ouro Preto – Minas Gerais

**Data da entrevista:** 24/03/2006

**Horário da entrevista:** 10h

**Duração da entrevista:** Tempo total: 1h43min53seg – DVD / A: 58min35seg –  
DVD / B: 45min18seg

#### **Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor)

#### **Gravação das entrevistas:**

**Produtor:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Walfried Weissman (EMVIDEO)

**Eletricista:** Mauro Siqueira (EMVIDEO)

**Motorista:** Carlúcio (EMVIDEO)

**Equipamento utilizado:** Câmera digital MiniDV

**Transcrição:** Bernardo Alves de Brito Andrade

**Data da transcrição:** 21/04/2006

**Conferência de fidelidade:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Data da conferência:** 10/05/2006

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

**Keka Simões** – Padre Simões, em primeiro lugar eu gostaria que o senhor nos dissesse seu nome completo, o local e a data de nascimento.

**Padre Simões** – José Feliciano da Costa Simões. Nasci em Ouro Preto aos 18 de dezembro de 1931. Se quiserem, 1930 também.

**Keka Simões** – Por que esse “também 1930”?

**Padre Simões** – Porque são referências, são distorções no meu registro. Simplesmente para dizer que a gente pode ser também... Antes de nascer já estava nascendo.

**Keka Simões** – Qual é o nome dos seus pais?

**Padre Simões** – Meu pai, Bianôr Simões Coelho, veio de Portugal pequenozinho. Estudou aqui no Colégio Dom Bosco<sup>1</sup>, também Salesianos. Mais tarde estudou em Portugal e voltou para o Brasil. Residência em São João del Rei<sup>2</sup>. Minha mãe, Gabriela Baeta Neves da Costa Simões, nasceu em Ouro Preto, de famílias de origem de Lafaiete<sup>3</sup> e de Ouro Preto: Baeta Neves.

**Keka Simões** – Em que seus pais trabalhavam? Quais eram suas atividades?

**Padre Simões** – Meu pai teve vários cursos, não só em Portugal (Coimbra), mas também aqui no Brasil. No Brasil, ele ficava mais como uma espécie de comerciante. Meu avô, quando foi expulso de Portugal por problema político, veio abordar-se em São João del Rei, e, mais tarde, em Ouro Preto. Em São João del Rei, ele tinha uma grande fábrica de tecidos e meu pai era uma espécie de... O filho mais velho era espécie de *public relations* dessa fábrica de tecidos.

**Keka Simões** – O senhor lembra o nome da fábrica de tecidos?

**Padre Simões** – Fábrica de Tecidos São João del Rei... São Joanense. Hoje já tem outro nome. É o prédio mais antigo em se entrando para São João del Rei.

**Keka Simões** – E o que fazia a mãe do senhor?

---

<sup>1</sup> O Colégio Dom Bosco está localizado em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto. Nele existia uma estação ferroviária.

<sup>2</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais.

**Padre Simões** – Minha mãe era formada em... Era professora, como se diz. Minha mãe tinha vários dons. Todas as nossas mães têm dons – o fato de ser mãe já é um dom. Então, minha mãe também estudou Farmácia com a doutora Eponina de Souza Ruas, uma grande historiadora aqui. Naquele tempo, fez uns cursos de modista, com influência francesa. Por isso Belo Horizonte teve aquela mudança, teve *Nouveau Art*, *Art Decô* – é influência francesa, e isso veio para Ouro Preto... Sabe, esses cursos de modista, de tecidos e costuras de um modo geral... Minha mãe teve várias máquinas, importadas, para fazer roupas para a *society* daquele tempo. Ela tinha uma máquina que eu achava interessante: tinha o nome de Ponto *Ajour*, vinda da França. Ela fazia desenhos com aquela máquina: rendas, rendados, tudo isso. Também tinha um curso de música e de pintura. Minha mãe pintava muito bem, tinha essas manchas, não é? E minha mãe gostava muito de música, principalmente bandolim, piano e harpa. Era interessante. Eu me lembro que... Primeiro, minha mãe; segundo, eu a perdi, morreu com 94 para 95 anos – eu vivi muito com ela e senti muito sua alma.

**Keka Simões** – O senhor tem irmãos?

**Padre Simões** – Tenho só uma irmã, Lúcia da Costa Simões Gobe. Ela é viúva. Éramos nove irmãos. Foram todos falecendo aos pouquinhos, é claro, e ficamos nós dois. Ela é mais velha, mora aqui.

**Keka Simões** – Onde o senhor passou a infância?

**Padre Simões** – Eu passei a infância em Ouro Preto, até praticamente a morte do meu pai, aos nove anos. Estudei em um colégio de Ouro Preto, que era do meu tio-avô, Baeta Neves: Colégio Baeta. Quando meu pai morreu, um tio rico, Feliciano Baeta Costa, queria me criar e me levou para Belo Horizonte<sup>4</sup>. Em Belo Horizonte, ele me matriculou no Colégio Batista, na Floresta<sup>5</sup>. Lá, John Klinerer<sup>6</sup>, um pastor protestante admirável, um homem extraordinário, sabia muito a língua portuguesa e me ensinava a religião católica, matemática, português. Um dia, ele disse para o meu tio que eu tinha cara de ser padre. Nem falou que eu deveria ser pastor protestante. Aí meu tio e esse pastor me

---

<sup>4</sup> Capital de Minas Gerais.

<sup>5</sup> Bairro de Belo Horizonte.

<sup>6</sup> Nome sujeito à confirmação.

levaram para o Seminário Coração Eucarístico de Jesus, naquele tempo; hoje é a PUC<sup>7</sup>. Ali eu comecei a estudar. Mais tarde, fui transferido para Mariana<sup>8</sup>.

**Keka Simões** – Onde era a casa do senhor, em Ouro Preto? Como era a vida, a rotina na sua infância, antes do falecimento do seu pai?

**Padre Simões** – Minha casa era incrivelmente poética. Em colocação, julgo eu, teria sido uma das melhores casas de Ouro Preto. Em colocação: não tinha vizinho atrás, nem do lado, nem na frente.

**Keka Simões** – Onde era?

**Padre Simões** – Ali, Rua São José, hoje... Mais tarde Rua Getúlio Vargas, onde tem aquela fábrica de chocolates<sup>9</sup>, ali embaixo<sup>10</sup>; aqui em cima, ali foi a casa. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]. Na realidade, nós sabemos que aquela casa foi de muita ternura, muita infância, muita musicalidade... E também de muitos problemas de família, sofrimentos, doenças. Tudo isso a gente guardou da infância, mas guardou positivo, não é? A beleza da mãe, o piano, os saraus daquele tempo, os encontros noturnos de música, quando se tomava chá, quando se conversava, a vizinhança, os conhecidos, a *society* daquele tempo – abençoada, nunca orgulhosa nem ricaça... Mas a sociedade assim do sentimento... Coisas lindas! Ali foi nossa casa, aqui em cima, na rua chamada Getúlio Vargas. A beleza da minha vida! Ali fui escoteiro, fui coroinha, fui integralista, naquele tempo do Plínio Salgado<sup>11</sup>... Era tudo menino, não é? Foi ali também que eu saía de mãos dadas com meu pai para ver o circo que vinha a Ouro Preto. O meu encanto era participar de um circo! Lembro-me profundamente dos palhaços mais interessantes que eu já vi na vida, apesar dos “carequinhas”<sup>12</sup> atuais. Eu me lembro do chamado Pelanca, coisa extraordinária! Por que eu me lembro dele? Uma vez no circo, ele saiu do picadeiro e foi lá... Meu pai era um homem circunspecto, um homem de barba e tudo, que chamava atenção... Ele foi lá brincar comigo e me levou para o picadeiro. Por isso eu guardei essa imagem

---

<sup>7</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

<sup>8</sup> Estudou, então, no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte.

<sup>9</sup> Fábrica de Chocolates Ouro Preto.

<sup>10</sup> O entrevistado confundiu-se quanto à localização da Fábrica em relação à sua residência que, efetivamente, localiza-se abaixo da Rua Getúlio Vargas.

<sup>11</sup> Líder da Ação Integralista Brasileira, organização política de cunho fascista que, a partir de 1932, se expandiu pelo Brasil conquistando a simpatia de parcelas do empresariado, clero e oficiais das Forças Armadas. Em 1937, a AIB foi colocada na ilegalidade pelo governo de Getúlio Vargas.

<sup>12</sup> Refere-se aos palhaços da atualidade, utilizando, para isso, a comparação com um famoso palhaço do passado.

da minha vida. A nossa decência, às vezes, não passa de um circo, como diz o poeta: “Todo mundo ri e a gente está sempre chorando. É o palhaço”<sup>13</sup>.

**Keka Simões** – Onde se armava o circo em Ouro Preto?

**Padre Simões** – Em um lugar chamado Praia do Circo, onde está a atual Prefeitura<sup>14</sup>. Fizeram aquele meio jardim suspenso mais tarde, no tempo do Prefeito Genival Ramalho, quando surgiu o ICM<sup>15</sup>. Aí começaram a fazer coisas estranhas e até abençoadas, não é? Dinheiro, a prefeitura tinha dinheiro. Ali era o circo, era uma beleza! Globo da morte, palhaços, trapézio, a meninada brincando e pulando no meio daqueles arcos; também havia os animais ferozes ou domesticados, não é? Toda essa beleza da nossa infância!

**Keka Simões** – Como era a cidade, a paisagem urbana nessa época? Qual imagem o senhor guardou de Ouro Preto? Há diferença entre a época da sua infância e hoje?

**Padre Simões** – Há uma diferença profunda, porque Ouro Preto tinha de nove a 10 mil, 11 mil habitantes. Hoje, dentro da cidade, nas circunstâncias desses morros que sobem por aí, tem uns 90 mil habitantes. Ouro Preto não tinha um asfalto, era entrada mesmo de pedra ou então de capistrana – pedras largas no meio das ruas, passeios no meio das ruas, que tiraram. A entrada de Ouro Preto era também de barro, de terra. Sujei meus pés nessas lamas de Ouro Preto brincando, jogando futebol, soltando papagaio. Tudo isso eu vivi intensamente. Tenho um dedo quebrado por causa de uma pelada: quando tinha oito anos de idade, com medo de falar em casa que havia quebrado o dedo, fiquei sofrendo até o dedo se ajeitar e terminar a dor. Mas ficou a marca.

**Keka Simões** – Em casa, o senhor tinha alguma obrigação ou não?

**Padre Simões** – Tinha. Estudar, me alimentar e não brigar. Minha mãe, às vezes, nos chamava para aprender música, aprender piano, escutá-la ao piano. Meu pai gostava muito. Me lembra isso meu avô, porque perdi meu pai quando criança. Ele gostava de ficar em pé perto da minha mãe ao piano. Minha mãe era muito bonita! Então, ele ficava como que embevecido, ouvindo aquelas músicas... Eu guardei uma coisa muito interessante: a última música que minha mãe tocou no piano foi **Eu, o luar e você**. Essa beleza!

---

<sup>13</sup> Até o momento, não foi possível localizar o poema e seu autor.

<sup>14</sup> Prefeitura Municipal de Ouro Preto, localizada na Praça Barão do Rio Branco, no bairro Pilar.

<sup>15</sup> Imposto sobre Circulação de Mercadorias.

**Keka Simões** – E sobre a escola, como era o espaço físico do Colégio Baeta? Como era a sala de aula, a rotina na escola?

**Padre Simões** – Antes do Colégio Baeta, estudei no Grupo Escolar Dom Pedro II, perto da Praça Tiradentes. Ali era uma baía, como que a cocheira dos cavalos dos agregados do governador da época<sup>16</sup>. Mais tarde, tornou-se a escola principal de Minas Gerais, Dom Pedro II, e foi transformado em Escola Primária. Terminando o curso é que fui estudar neste colégio, o Baeta. Primeiro ano... Chamava-se Ginásio antigamente. Havia um preliminar – uma preparação de um ano – antes de entrar para o primeiro ano do Ginásio. Eu me lembro de pessoas admiráveis! Eu me lembro de um tal professor Manu<sup>17</sup>, me lembro do professor Edmundo José Vieira... Coisas incríveis! Isso ficou na nossa infância por quê? Pela sua dignidade, pelo seu respeito para com as crianças, a sua bondade e pela sua ciência também. Ali eu comecei a minha infância. Primeiro na escola, onde tinha professores incríveis: Dona Zaíra<sup>18</sup>, Dona Anita de Araújo... Pessoas incríveis que me marcaram a alma não só pela competência, mas também pela identidade de ser professora, de ser mãe. Mais do que isso, pela cultura. Elas faziam tudo para nós. A coisa mais interessante do mundo, que eu lembro, é que uma vez eu briguei – tive a honra de apanhar muito. [riso] Dona Anita de Araújo viu que eu estava com medo e me disse assim: "Não, você tem que brigar é para bater também". Foi aí que me tornei valente, comecei a me defender, não é? Foi aí que ela fundou, na sua classe, uma associação chamada Associação de São Tarcísio, essa criança que nós temos na história da Igreja, nos primeiros séculos do cristianismo. Pequeninha, essa criança guardava a fé – porque não podia ter demonstração de fé – e levava a Eucaristia para os cristãos perseguidos. São Tarcísio era muito valente: o dia em que foi pego com a Santa Eucaristia, soube brigar para defendê-la. Então, ela fundou isso para nós; nos marcou profundamente.

**Keka Simões** – Com a sua transferência para Belo Horizonte, para o Colégio Batista, o senhor morava na casa do seu tio ou era internato? Que tipo de disciplina havia e de quais matérias o senhor mais gostava?

---

<sup>16</sup> Período colonial.

<sup>17</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>18</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

**Padre Simões** – Fui morar na casa do meu tio, à Rua Aimorés. Eu freqüentava a Igreja de Lourdes, logo em cima. Tinha dois primos pequeninhos: Maria Raquel e o outro primo. Pessoas admiráveis. Eu era mais velho um pouquinho. Minha tia Rita, muito bondosa, muito exigente, me tratava como filho. Fui estudar nesse colégio, porque era um ótimo colégio, bom, um colégio público. Embora fosse particular, recebia o pessoal e 90% éramos católicos, não é? Poucos irmãos protestantes. Por isso é que eles ensinavam para a gente a religião católica, o catecismo. A coisa de que eu mais gostava era cantar. Ensinavam música, além de português e a origem das línguas. Foi aí que eu me afeiçoei ao latim. Interessante... Tudo é raiz, não é? Então ele punha no quadro, por exemplo, “neologismo”: neo – negação<sup>19</sup>, logismo – o que tem lógica. Então, a gente foi aprendendo a juntar as palavras e, sem precisar de dicionário, a gente sabia o significado das palavras, não é? Toda essa beleza! Eu aprendi e nunca mais esqueci. Ele cantava conosco as preposições da língua portuguesa, as conjuntivas: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás. A, ante, até, após, com, contra, de, desde, não é? Nunca mais me esqueci. Cantando, eu aprendia e na vida eu vivi cantando.

**Keka Simões** – O senhor contou várias lembranças positivas desse período na escola. Lembranças negativas o senhor tem?

**Padre Simões** – Tenho. No grupo, por exemplo... A gente tinha aqui uma divisão de bairros chamada Jacuba e Mocotó<sup>20</sup>. Jacuba era uma parte lá da Praça Tiradentes, dava para o Antônio Dias<sup>21</sup>, onde está a Igreja de São Francisco de Assis, Santa Efigênia. Ali eles pensavam que fosse uma camada mais pobre, mais de influência dos nossos irmãos negros e escravos. Então eles brigavam com a gente, pensavam que o Mocotó – os de cá – éramos gente mais rica, porque do lado de cá ficavam os bancos daquele tempo, a *society*, as casas mais bonitas, não sei o quê.

**Keka Simões** – De onde vieram estes nomes – Jacuba e Mocotó?

---

<sup>19</sup> Provavelmente, o entrevistado se enganou quanto ao significado desse radical grego: neo significa novo.

<sup>20</sup> Denominações pejorativas surgidas durante o período colonial, com as quais os moradores da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias e os da paróquia de Nossa Senhora do Pilar nomeavam uns aos outros.

<sup>21</sup> Bairro de Ouro Preto.

**Padre Simões** – São palavras afro-brasileiras, palavras meio indígenas também. Jacuba era quando as pessoas se alimentavam simplesmente com farinha, um pouco misturada com óleo. E mocotó, a própria palavra o diz, era uma comida melhor: era farinha com mocotó, com um pedaço de carne. Então, era uma coisa assim mais refinada.

**Keka Simões** – Existiam outras escolas em Ouro Preto, além do Dom Pedro II e do Colégio Baeta?

**Padre Simões** – No meu tempo, não. Mais tarde foram surgindo as chamadas escolas mistas, as escolas agregadas, com nomes de pessoas de Ouro Preto, como, por exemplo, Tomás Gonzaga e Marília de Dirceu. Mas escola básica de Ouro Preto, chamada Primária, existiu sempre uma: Dom Pedro II. Também não tinha tanta gente para ir à escola, não é?

**Keka Simões** – O que o senhor e a sua família faziam aos domingos e nos dias de folga? Como vocês passavam esses dias?

**Padre Simões** – Eu lembro que fiz a primeira comunhão com sete anos de idade e meu pai me trazia à missa, de mãos dadas – ele usava uma bengala – com plena liberdade. Eu lembro que meu pai ficava encostado naquela cama larga, punha a gente sentada ao lado ou então na barriga dele e ficava ensinando o catecismo para nós. Numa tranquilidade... Sem precisar de professora ou de professor. Tudo isso normal. Não era obrigado: “Já vai para a missa”. Nunca fui obrigado a ir para missa! Como até hoje eu, como padre, não obrigo ninguém. [riso] Para que vocês vejam. E minha mãe gostava de cantar conosco e, quando a gente brigava, ela fingia que ia nos bater. Lembro-me como se fosse hoje: ela dobrava aquele fio de ferro elétrico em dois ou três – “Isto é para vocês!” – e corria atrás, mas nunca nos bateu. No máximo, um beliscão. Isso tudo é minha infância, não é? E eu tinha medo, porque... Quem não tem medo de um chicote, não é? Graças a Deus, nós não éramos escravos!

**Keka Simões** – Quais comemorações religiosas aconteciam em Ouro Preto? O senhor se lembra das mais importantes?

**Padre Simões** – Como sacerdote, até hoje guardo muitas raízes de Ouro Preto: a cultura, a arte. Porque religião não é só o rezar, é conservar a filosofia de uma comunidade. Eu estudei muito sobre isso, fui professor em vários

seminários do Brasil, como o de Aparecida<sup>22</sup>, Mariana; dei aulas em um seminário de São Paulo, lá no Ipiranga, dei aulas no Rio Comprido, Rio de Janeiro. Então, levei a matéria para certos locais. Eles me convidavam, e, na minha simplicidade, ensinei muito para eles que existe cultura, cultura portuguesa. Quando os portugueses vieram para o Brasil, quiseram colocar a cultura deles aqui – isso se chama segunda fase da cultura, a aculturação. Nós não fomos aculturados, nós misturamos tudo e veio a inculturação que é a nossa cultura. Esse “in” significa “in” – negativo. Essa que é a nossa cultura. Daí que nós temos o congado, o reisado, os bailados, o maracatu com as sombrinhas, não é? Aqui em Ouro Preto, nós tínhamos toda essa beleza. No Carnaval, chamado Entrudo naquele tempo, as pessoas saíam mascaradas, andando a cavalo fantasiadas, em carrinhos puxados por cabritinhos ou carneiros, ou em carros abertos – Chevrolet naquele tempo. Ainda peguei isso. Isso é mais velho ainda, mas eu peguei isso. Mas então se faziam sambas. Hoje eu fico triste. Nós temos este teatro vivo do Rio de Janeiro, Marquês de Sapucaí, aquelas belezas! Samba para cá, carro, não passa daquilo: mesmo ritmo. No fim, é uma hora e tanto de desfile e fica por isso mesmo. Aqui não, as pessoas faziam samba, não é? **Ô Jardineira, Sou Toureiro de Madri, O Caramuru, Boi da Cara Preta, Meu Periquinho Verde, A Mulher do Leiteiro, A Mulher do Padeiro, A Colombina**, tudo isso eu decorei. Isso tudo era o Carnaval, as pessoas aprendiam para cantar. Até hoje eu sei grande parte, nunca mais me esqueci. Por exemplo, as pastorinhas cantando pelas ruas, essa beleza! Me lembro também de várias músicas de Chiquinha de Abreu, Orestes Barbosa, tudo isso... Essa beleza do Carnaval! Hoje nós não temos... Respeitamos... Isso tudo são épocas que a gente respeita, não é? Nós não tínhamos a bomba atômica, hoje temos. Então, nós respeitamos a época, mas que era muito mais bonito, era! Muito mais gostoso, muito mais poético, muito mais gente, muito mais alma! Hoje nós temos – meu Deus! – muita caixa e pouca harmonia.

**Keka Simões** – Além do Carnaval, existiam outras festas famosas na cidade, que atraíam pessoas de fora ou que eram importantes para comunidade?

---

<sup>22</sup> Aparecida do Norte, município de São Paulo, onde se localiza o principal santuário brasileiro de devoção a Nossa Senhora Aparecida.

**Padre Simões** – Muitas festas! Muitas festas! A Semana Santa, por exemplo. Novenas, verdadeiras obras de arte, além da piedade, não é? O pessoal não tinha nada o que fazer e, às vezes, ia rezar. Os corais ... Coisas lindas! Isso é incrível! Isso a gente guarda da nossa infância. Por isso nós conservamos o estilo... Se vocês estiverem aí à noite, talvez possam assistir a uma das coisas únicas que sobrou na América Latina, o Setenário das Dores de Nossa Senhora, do século XVIII e XIX. Nós mantivemos isso. São João del Rei não tem mais. Tem sete dias seguidos. Aqui tem sete sextas-feiras. Vamos começar a Semana Santa, com aqueles cantos antigos do século XVIII e XIX. Coisas espetaculares! Fizemos questão de conservar isso, não como mania. Hoje, puseram a palavra tradição como se fosse coisa pejorativa. Não! *Traderetor tradere*, dois verbos, significa construir. Não significa passado morto. Significa crescer. Se dois e dois não fossem quatro, Albert Einstein não teria calculado a relatividade mandando vocês para a Lua, ou para o mundo da Lua. Quer dizer que nós temos raízes, e a tradição é conservar as raízes. Então, além do Carnaval, o Entrudo daquele tempo... Nós tínhamos também as festas populares, nas escolas, os circos que vinham aqui. Na minha infância, lembro que veio uma companhia de russos: tocou as czardas russas; os cossacos, os malabarismos em cima dos cavalos imensos, apanhando lenços pelo chão sem cair do cavalo. Tudo isso ficou na nossa infância. É incrível! Aqui tinha também as escolas, eu falei da Pedro II... A gente fazia representações e valsas de Strauss, não é? Eu tenho um retrato vestido de príncipe antigo, dançando o Cisne, as valsas de Strauss. Se você for hoje à Rua São José, em um bar chamado... Fiquei até emocionado quando fizeram isso... Quem toma conta desse bar chamado Chafariz é o tio desse rapaz aí<sup>23</sup>, ou primo, não sei –, Vicentinho<sup>24</sup>. Ele pôs um quadro e eu estou lá, vestido de gente antiga, com uma cabeleira antiga. Nós tínhamos dançado uma valsa de Strauss. Passando por lá, procurem ver esse retrato. Nem eu o tenho! [riso] Interessante, não sei por que eles fizeram isso.

**Keka Simões** – Quais datas cívicas eram lembradas na escola e na cidade? Tem alguma diferença entre a época de sua infância e hoje?

---

<sup>23</sup> Refere-se ao fotógrafo Eduardo Trópia que, no momento da entrevista, fazia algumas fotografias do entrevistado para o Projeto Trem da Vale.

<sup>24</sup> Vicente Trópia.

**Padre Simões** – Tem diferença, porque hoje as pessoas não participam dessas datas. Ficou só o 21 de Abril que Juscelino<sup>25</sup> trouxe para cá, não é? Então a gente comemorava Dia da Bandeira, o Dia da Pátria, 21 de abril. As escolas saíam pela rua e cada escola queria ser melhor do que a outra, marchando, tocando tambor, clarineta, com suas bandeiras e roupas bem passadinhas. Nos reuníamos na Praça Tiradentes. Havia ali um concurso de qual escola se apresentou do modo melhor, levando cartazes sobre o Dia da Pátria, por exemplo. Coisas lindas! A gente cantava o Hino à Bandeira. Hoje, mal-mal eles sabem cantar o Hino Nacional, não é? Hoje tudo é disco ou banda. Isso para dizer com sinceridade.

**Keka Simões** – Depois do Colégio Batista, o senhor foi para o Seminário, em Belo Horizonte. Foi nesse momento, na adolescência, que o senhor pensou em seguir a carreira sacerdotal? Como surgiu essa vocação?

**Padre Simões** – Eu não sei. [riso] Quando fiz seminário, a gente usava batina. Aqueles menininhos usando batina pareciam coroinhas daquele tempo. No meu caso, que fiz Básico e Científico, eu tinha uma vida no Seminário tão intensa de artes, de cultura, de estudos, que ficava mais preso dentro do Seminário. A gente quase não tinha tempo nem de ser malandro. Então nossa adolescência cresceu na oração. Nunca deixamos de ser adolescentes, aquelas manias, os sonhos... Quando a gente fica adolescente, mesmo adolescente de batina... Lembro que em Mariana saía pelas ruas, não é? Aquele rapaz bem aparente... Quando vejo um retrato meu hoje, eu falo: "Meu Deus! Que é isso?" Quando vejo um retrato meu de jovem, e me olho no espelho, levo um susto e falo: "Meu Deus! Fantasma!" Então, como tudo muda! Eu lembro quando passava pelas ruas de Mariana: aquelas moças ficavam doidas com a gente, querendo namorar, chateando, jogando indiretas, não sei o quê... Enfim, tudo isso aconteceu. Até fazia um charmezinho, mas era tanta gente para escolher que não escolhia ninguém, não é? Mesmo a Hebe e a Marli Moisés<sup>26</sup>, de Mariana, eram jovens e foram bonitas. Ainda são, não é? Mas foram bonitas e gostavam de ver seminaristas. Elas não falam isso, não; mas gostavam de querer namoriscar. Tudo isso eu guardo profundamente da

---

<sup>25</sup> Juscelino Kubitschek de Oliveira, quando Governador de Estado de Minas Gerais (1951-1955), instituiu a comemoração oficial do Dia 21 de Abril, com a transferência simbólica da sede do estado para a antiga Vila Rica, numa referência à Inconfidência Mineira.

<sup>26</sup> Hebe Maria Rôla Santos, entrevistada pelo Vale Registrar, e Marli Marques Moisés.

minha juventude. Foi aí que eu comecei... Minha vocação começou com uma coisa muito interessante, que pouca gente sabe. Eu vinha de Belo Horizonte – por isso eu dou valor a esse trezinho, a essa estrada do trem de ferro – e a gente fazia baldeação onde é Burnier<sup>27</sup>, onde é São Julião. Parava o trem de Belo Horizonte e a gente ficava ali esperando o trem que vinha para Ouro Preto. Ali, eu era um jovem, não usava batina em férias, não é? Vestia como homem, como diz o ditado. Uma família se encontrou comigo, um grande amigo chamado Carvalho da Cruz, um português riquíssimo do Rio de Janeiro, muito amigo de meu pai, negociante. Tinha uma filha, uma beleza de moça! Então, por coincidência, eles estavam vindo do Rio e o pai, Carvalho da Cruz, queria me conhecer. E me conheceram, pai e filha, ali. Ela ficou doida comigo! O raio da moça era bonita também! E me desculpem, porque não tem tempestade e eu falei raios... Mas o interessante é que aí eu vi que a minha vocação... Lembro que, na época, o pai dela gostava muito de mim. Filha única, riquíssima... Sabia que eu tinha futuro, diziam que eu era inteligente, que teria tudo. Hoje seria uma proposta indireta: “Ah! Se você se casar com a minha filha, você terá tudo!” Seria o herdeiro do português, e português geralmente é gente rica, quando tem raízes em Portugal e vive no Brasil. Ela gostou de mim. Até que eu não estou longe da realidade não, mas obrigar assim também... Aí nasceu aquele impacto: “Quem sabe eu vou ser padre?” Terminei o curso, fiz Filosofia, Teologia, e Deus quis que eu fosse. Tem 48 anos que eu sou e não me arrependi, viu? Então, isso tudo começou na estrada de ferro. Por isso essa Estrada Real<sup>28</sup>, essa que vocês estão programando aqui, tem muito valor. Eu gostaria que ela continuasse em Ouro Preto até São Julião; lá, acoplasse com Lafaiete, com a que vinha do Rio<sup>29</sup> para se encontrar em São Julião com a que vinha de Belo Horizonte para se encontrar com a que vinha de Ouro Preto. Toda essa beleza da estrada de ferro que acabaram... Afonso Ávila<sup>30</sup>, que vive em Belo Horizonte, já cansado, falava que, apesar do progresso do Brasil, dos ônibus, da gasolina, do

---

<sup>27</sup> Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária inaugurada com o nome de Estação de São Julião, posteriormente alterado para Burnier.

<sup>28</sup> O entrevistado confunde-se em relação ao nome do Projeto do qual a equipe faz parte.

<sup>29</sup> Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

<sup>30</sup> Poeta e ensaísta nascido em Belo Horizonte, em 1928.

Fenemê<sup>31</sup>, apesar do Sinca<sup>32</sup>, daqueles carros, apesar da beleza do Juscelino<sup>33</sup>, ele se esqueceu das veias, do sangue que corre pelo Brasil, especialmente a veia estrada de ferro. É a verdade. Morreram as cidadezinhas pequenas, onde as pessoas ficavam... Elas paravam o trem ali para vender pastel, vender café, cocada, geléia, pedir dinheiro. Foi morrendo a estrada de ferro. É verdade.

**Keka Simões** – No Seminário em Mariana, quais disciplinas compunham o curso? Há alguma diferença na formação para o sacerdócio entre a época do senhor e hoje?

**Padre Simões** – As disciplinas eram muito rígidas. Português, geralmente Italiano ou Inglês, o Latim nem se fala, não é? A gente sonhava com latim – de raiva, mas sonhava! [riso] Então o Português, juntamente com a Ciência Natural, a Matemática... A gente tinha obrigação de saber Matemática. Depois de padre, eu dei aula de Matemática [riso] – Álgebra, Trigonometria, o que seria hoje a Matemática básica. Hoje eles falam Matemática I, Matemática II ou III, Matemática do Espaço, Matemática Biológica, Fisiológica, o que quiserem. Mas era mesmo a Matemática de equações, regra de três, não é? Davam para nós aqueles cálculos, problemas... Era a matéria básica no nosso Seminário, além da Religião. Outra coisa muito importante é que a gente tinha aula de Música e Cantochoão. Aqueles que tinham o dom – talvez eu tivesse esse dom de voz – íamos para o coral; os outros aprendiam música só teoricamente. A gente, teórica e praticamente, não é? Isso foi a base do que hoje corresponde ao Primeiro Grau e ao Segundo Grau, a base e o Científico. Hoje não existe mais Científico, é Ensino Profissionalizante e tal. Depois, fiz o Curso Superior. O que é o Curso Superior no Seminário? Era Filosofia pura. Depois vinha a Filosofia Religiosa, vinha o estudo de Religião ou Teologia – Teologia é o estudo de Deus pela revelação – e a Teodicéia – o estudo de Deus pela ciência. Por que existe uma formiga? Quem criou a formiga? Esse negócio de falar buraco no espaço, se tem água ou não tem água na Lua, já aprendi isso há muito tempo! Para que vocês vejam, aí está a base. E Ciências Naturais. Aí

---

<sup>31</sup> FNM, tipo de caminhão.

<sup>32</sup> Tipo de automóvel.

<sup>33</sup> No governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira como Presidente da República (1956-1960), começou a implantação da indústria nacional de automóveis e caminhões, priorizando a malha rodoviária em detrimento das ferrovias.

dependia das coordenações dos cursos, de acordo com a Teologia, com a Filosofia de época... O básico do chamado Curso Superior do Seminário começava com a Filosofia, e tinha de falar em latim na aula, responder em latim, fazer prova em latim, tudo isso. E o latim nos abre... Não é mania de língua morta. No sentido morfológico, língua morta não significa que morreu; significa língua que não produz mais palavras, já chegou à perfeição. Ninguém inventa mais “tô aqui”, “ocê é bom”, “arigó”; só palavra portuguesa hoje tem 850 sinônimos de bobo: arigó, coió, brocojó, e por aí afora. O latim, não; parou naquilo e está parado. Para que vocês vejam.

**Keka Simões** – Além das disciplinas, como era o dia-a-dia no Seminário? Como se passava o dia, como eram distribuídas as tarefas que os senhores tinham que cumprir, as aulas a que tinham que assistir? Quais os horários das atividades e do lazer?

**Padre Simões** – Em primeiro lugar, a gente já levantava com uma raiva danada, às cinco, cinco e meia da manhã. Era regime militar mesmo, no meu tempo. Hoje não, hoje a turma nem se levanta. Do que tinha mais raiva no Seminário era o sino! Ô estridente! Sino significa signo, sinal; davam o sinal e a gente acordava. Geralmente, cantávamos o canto da madrugada. A gente cantava bonito! A meninada meio sonolenta cantava em latim ou o “Pai Nosso”<sup>34</sup> ou então o *Magnificat*<sup>35</sup>. Ah! “A minha alma canta a Deus”. A gente cantava e ia dobrando a roupa de cama, vestindo as calças e pondo as blusas. Mistura de preces com a parte humana, não é? Às vezes, logo depois a gente tinha um pequeno intervalo para escovar os dentes, fazer outras coisas. No horário de banho, banho frio, a gente vestia um calção. Às vezes, o banho era mais tarde ou de manhã. Então ia com aquele calção, espécie de calção de piscina: entravam 10 de cada vez naquele chuveiro comum. Dez chuveiros em cima de um cano com uma água forte. A gente entrava – frio para desgraçar! –, fechava a torneira, ensaboava, entrava de novo: tomou banho. Às vezes, fazíamos uns cinco minutos de ginástica, ginástica muscular ao pé da cama, suspendendo, levantando. Então íamos para a capela. A capela era o quê? Era um lugar pequeno, para rezar, onde fazíamos uma espécie de meditação. Depois vinha a missa com os cantos, na época ou em latim ou em português.

---

<sup>34</sup> O entrevistado canta um trecho em latim.

<sup>35</sup> Novamente, o entrevistado canta um trecho em latim.

Cânticos lindos! Não é saudosismo, não. Estou falando de alma, de cultura. Hoje tem muito canto moderno lindo. Que o diga o Padre Zezinho<sup>36</sup> por aí. Só então a gente ia tomar o café, leite – mais água do que leite – com café, um pão simples, não é? Quando vinha manteiga, a gente até batia palma! No tempo da Guerra<sup>37</sup> – em 1945 eu comecei a estudar – e do pós-guerra, não tinha pão por causa do trigo que era importado. Me lembro de tudo isso! A gente comia cubu, uma broa de farinha mal cozida... Ô meu Deus! Era daquilo ali que a gente se alimentava. Depois ia para as aulas e intervalos para estudo: tinha um estudo, uma aula, um estudo, uma aula. História, Ciências, Português, Matemática, Música... Nós tínhamos uma aula muito importante que era chamada aula de Conhecimentos Humanos, Sociais... Aula de Civilidade: como se portar à mesa, como receber uma pessoa, como se vestir, lavar rosto, dar lugar para os mais velhos em um passeio, na igreja. Coisa linda, linda, linda... Alguns dias por semana, tínhamos aula de Música, seja no Curso Básico (Ginásio e Científico), seja no Curso Superior. Aulas de Música, aulas corais. Nós tínhamos, durante o dia, os recreios: logo depois do almoço e pós-jantar. E à noite, fazíamos uma oração e íamos estudar. Tínhamos uma hora e meia de estudo para preparar as matérias do dia seguinte. Durante a semana, tínhamos caminhadas, futebol, natação. Tudo isso a gente vivia, não é? Nem todos gostavam de futebol, nem todos gostavam de nadar, mas ficavam lá assistindo e ganharam o nome de queijeiros.

**Keka Simões** – Queijeiros?

**Padre Simões** – Queijeiros, são aqueles que ficam no mesmo lugar se desgastando. [riso] Ficam depois com um cheiro ruim. [riso] Quando o queijo é muito passado, o cheiro fica ruim mesmo. Então tinham o nome de queijeiro. Agora, o Seminário tinha uma vida muito intensa! Nós tínhamos teatro, cinema que era raro e era aquele rolo antigo, não é?

**Keka Simões** – Passava filme no Seminário?

**Padre Simões** – Passava, tinha máquina no Seminário para isso. É claro que, no fim do meu curso, já não tinha tanto filme. A gente podia sair, ir lá onde aquele... Lá em Mariana tem aquele teatro...

---

<sup>36</sup> Padre muito conhecido pelas músicas religiosas que grava.

<sup>37</sup> Segunda Guerra Mundial.

**Keka Simões** – O SESI<sup>38</sup>?

**Padre Simões** – O SESI. Ali era o cinema. Quem tomava conta do cinema era a família Trópia. A gente era de Ouro Preto e quando eu ia ao cinema eles mandavam a gente entrar de graça. Tudo isso tem na nossa história, não é? Eles eram coordenadores, os Trópia ou Tropic, como dizem na origem italiana, espanhola. Eles eram os donos dos cinemas da redondeza: Passagem<sup>39</sup>, Mariana, Ouro Preto, Itabirito e Nova Lima<sup>40</sup>.

**Keka Simões** – O senhor se lembra de algum filme de que gostou muito, ou que fez sucesso entre as pessoas de sua convivência?

**Padre Simões** – Lembro-me. **Rintintin e o Cavalo Rex**, lembro-me de Shirley Temple, **Luzes da Ribalta**, lembro-me profundamente desses filmes sobre Shakespeare – **Hamlet, Macbeth... Zorro...**

**Keka Simões** – Tinha um dia específico da semana quando os senhores podiam ir ao cinema e assistir a um filme?

**Padre Simões** – Geralmente domingo ou então sábado à tarde. No sábado a gente tinha futebol, no domingo também. A gente tinha liberdade para sair. Às vezes, ficava sabendo o filme que estava passando, e então ia para aqueles filmes também, não é? Não tinha filme ruim, porque tudo era quase a mesma coisa. A gente assistia ao que tinha. **O Corcunda de Notre Dame, Vinte Mil Milhas...**

**Keka Simões** – **Vinte Mil Léguas Submarinas?**

**Padre Simões** – **Vinte Mil Léguas Submarinas**, me lembro disso tudo.

**Keka Simões** – O senhor já contou que, nas férias, vinha para Ouro Preto de trem. O que o senhor e seus amigos faziam na cidade? Onde essa juventude gostava de se encontrar e o que ela fazia?

**Keka Simões** – Em primeiro lugar, a gente tinha férias só no fim do ano. Meio do ano, nada; as férias eram dentro do Seminário. A gente fazia alpinismo. Eu conheço o Itacolomi<sup>41</sup> como conheço os meus dedos. Já subi até na última pedra. Tenho retrato. Foi difícil subir ali, porque aquela pedra grande é rachada no meio. Havia dois trilhos e uma ponte pênsil – eu passei ali. Poucos passaram. Agora, em férias, quando chegava aqui... Parecia que era uma

---

<sup>38</sup> Serviço Social da Indústria.

<sup>39</sup> Passagem de Mariana, distrito de Mariana, onde havia uma estação ferroviária.

<sup>40</sup> Itabirito e Nova Lima são municípios de Minas Gerais.

<sup>41</sup> Pico do Itacolomi.

peessoa estranha, não é? Parecia que a gente era padre, os colegas... Depois de alguns dias é que a gente entrava na molecagem, com uma vida comum: jogar futebol em adro de igreja, em campinhos por aí, visitar amigos. Em férias eu tinha muita facilidade para visitar parente em Lafaiete, na fazenda da minha avó perto de Lafaiete. Mesmo depois, em Belo Horizonte, tios... “Ah, meu sobrinho está estudando no Seminário, veio passar as férias conosco”. A gente tinha uns privilégios assim, parecia que já era padre, uma pessoa diferente, não é? Então a gente passava as férias com muita tranqüilidade. Andava de bicicleta, aprendi moto, fazia caminhadas ecológicas. Vocês vão me perguntar: “E namorada?” Vou dizer com sinceridade: talvez muitas moças se apaixonaram por mim, quiseram me tirar do... Muitas falaram comigo: “Puxa, o senhor tão bonito... Ir para o Seminário! Ah! Deus não merece isso, não!” Tinha essa conversa fiada, não é? Até Ronaldinho<sup>42</sup> é bonito, depende do dinheiro. [riso] A gente tinha aquela atração de jovem, tinha aquela ilusão, tinha aqueles sonhos, mas não agradava, porque parece que Deus até segurava a gente. Era tanta moça tentando, que a gente não sabia escolher. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado].

**Keka Simões** – Em relação às moças que ficavam paquerando os seminaristas, onde acontecia esse *footing*, em Mariana?

**Padre Simões** – [Trecho retirado por solicitação do entrevistado] Antigamente, era quando a gente saía, ia ao cinema, passava em turma para fazer passeios na arte, fazer um passeio ecológico, ou em procissão – a gente saía encarreirado, rezando e olhando e sendo olhado. Era mais ou menos isso. Não passava disso. Ou em férias, não é? [Trecho retirado por solicitação do entrevistado].

**Keka Simões** – Na época de sua juventude, quais eram as atividades econômicas mais importantes de Ouro Preto? De que a cidade vivia? Houve alguma transformação de lá para cá?

**Padre Simões** – Era uma sociedade mais equilibrada. Tinha menos casas pelos morros, tinha menos pobre. Aqui tinha muito funcionário da Central do Brasil<sup>43</sup>, uma classe que tinha dinheiro, da ALCAN<sup>44</sup> (a fábrica de alumínio), e

---

<sup>42</sup> Ronaldinho Gaúcho, jogador da Seleção Brasileira de Futebol.

<sup>43</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil.

<sup>44</sup> Atualmente, Novelis do Brasil Ltda.

mesmo da Universidade – ainda não era Universidade, eram Escola de Farmácia e Escola de Minas. Muitos professores, alunos vinham estudar aqui... Não como hoje: quatro mil, cinco mil alunos ou mais. Eram, no máximo, 300, 400, que tinham bolsas, famílias ricas. Então eles alugavam suas casas – já era um dinheirinho que davam para a lavadeira, para o padeiro, para a cozinheira, para a tomadora de conta. Hoje eles têm noventa e tantas casas ou 100, que pertencem ao governo, fora as outras que eles alugam. Eles não tinham. Eles faziam repúblicas, mas pagavam as suas casas, as suas repúblicas. Então, quando eles tinham casas de estudantes, eram casas onde faziam uma espécie de associação de ex-alunos e compravam a casa para ser república. Hoje, existem as casas que a Universidade comprou para que os estudantes possam morar lá. Olha que eu sou daqui, estudei aqui, irmãos, parentes, tios estudaram aqui também e estou a par disso tudo. Então isso era mais o dinheiro de Ouro Preto. Não tinha asfalto ainda de um modo geral. A mercadoria e o comércio... Por exemplo, dois mil réis valiam dois mil réis o tempo todo. Não tinha essa inflação ou deflação. A gente sabia que podia contar com aquele dinheirinho, não é? Isso dava equilíbrio à sociedade. Sociedade mediana. Aí apareceram os ricos, que é a classe média. Pobre era... Não tinha miséria. Tinha pobreza, mas não miséria. Hoje é a miséria. Hoje a classe média é pobre. [riso] A classe rica está cada vez mais rica, não é? Então nós víamos isso no meu tempo.

**Keka Simões** – O senhor se lembra do nome de alguma loja e o que vendia?

**Padre Simões** – Lembro, hiii... Lembro-me de um turco chamado Senhor Tufir – Loja Tufir –, João de Castro, Senhor João Fortes. Lembro-me também dessas lojas todas básicas daqui. Uma loja de secos e molhados aqui em cima, me falha a memória agora. Lojas onde se vendiam só armarinhos: botões, colchetes, cadarços, zíper daquele tempo, panos, não é? Secos e molhados eram na base da rapadura, da sopa, do arroz, do feijão, do sal... Eu me lembro disso perfeitamente.

**Keka Simões** – E tinha hotel em Ouro Preto? Hoje tem muita pousada por causa do turismo. E há alguns anos, como era isso?

**Padre Simões** – No meu tempo de infância só havia o Hotel Tófollo ou Tofollo<sup>45</sup>, como eles falam. Está ali até na parede, deixaram, descascaram. Era o hotel básico, o Hotel Tofollo. Depois surgiu a chamada Pensão Vermelha, perto do São Francisco de Assis<sup>46</sup>. Tinha uma pensão chamada Social, no Largo da Alegria; tinha uma pensão em uma casa onde a parede era toda cheia de vidrilhos, aqui em cima. Depois foram surgindo as pousadas... Surgiu o Grande Hotel, que Getúlio Vargas<sup>47</sup> permitiu.

### [DVD B]

**Keka Simões** – Uma vez ordenado sacerdote, como foi o início da vida como padre? Onde isso aconteceu?

**Padre Simões** – Foi uma vida linda, não é? Como padre novo, estive em vários lugares antes de vir para Ouro Preto. Estive ajudando no Seminário de Mariana. Seria um professor de Grego, de História, mas não era o meu tipo para aquele começo. Um colega veio para o meu lugar. Fiquei um pouco em Mariana porque tinha adoecido o vigário de lá, na Sé Catedral, ali no centro. Depois eu andei aí “ceca e meca”<sup>48</sup>. Quando adoecia um padre ou eles tinham problema... O Bispo estava doente na época. Era Dom Helvécio Gomes de Oliveira<sup>49</sup>. Ele me pedia, mandava o vigário representante da Diocese... Eu estive em Acesita<sup>50</sup>, estive em Entre Rios de Minas<sup>51</sup>, estive em Ponte Nova<sup>52</sup>, estive em Santa Cruz do Escalvado<sup>53</sup>, estive em pequenas comunidades substituindo um mês, dois, três, um ano. Vivi intensamente várias circunstâncias. Depois eu fui chamado para dar aulas, algumas matérias, no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto. Era interno lá. Tinha internato de jovens também. Aí era esporte, caminhada, serenatas... Lá não era seminário, não é? Tinha uma missa todo dia para os internos. Não, missa não; eles iam lá para dormir, ler gibí, ler **Fantasma**, ler **O Príncipe Submarino**, aquelas revistinhas da época. Eu falei: “Vocês vão é dormir mais um pouco, rezem na hora de levantar, tomem o café e vão para a aula”. Aí missa era só no domingo. Então

<sup>45</sup> Hotel situado à Rua São José, no centro de Ouro Preto.

<sup>46</sup> Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis.

<sup>47</sup> Político gaúcho, Getúlio Vargas ocupou a Presidência da República por duas vezes: 1930-1945 e 1951-54.

<sup>48</sup> Expressão que significa andar por várias terras, em busca de alguma coisa.

<sup>49</sup> Dom Helvécio Gomes de Oliveira tornou-se Arcebispo da Arquidiocese de Mariana em 1922. Faleceu em Mariana, em 1961.

<sup>50</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>51</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>52</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>53</sup> Município de Minas Gerais.

eu fui professor... Aqui, na época, tinha um vigário muito bom, muito humilde, já velho, já doente – Padre João<sup>54</sup>. Estava aqui há 57 anos como vigário. O bispo pediu que eu viesse para ajudá-lo e eu vim. Respeitava, não é? Quando ele faleceu, o bispo pediu que eu ficasse aqui até encontrar outro. Nesse tempo todo, não encontraram outro! Me pediram para ficar, me nomearam para cá<sup>55</sup>. Naquele tempo era o Papa quem nomeava o vigário da Bahia, Rio de Janeiro, Olinda e Recife e Ouro Preto. Representado pelo grande Bispo Dom Oscar de Oliveira<sup>56</sup>, fui nomeado vigário de Ouro Preto. Aí fiquei, fui ficando... Aqui estou, praticamente saindo ou sendo saído, ou morrendo, é meu modo de sair do teatro da vida. Então... Interessante é que fui capelão militar, espécie de sub-capelão militar da 4ª Companhia de Comunicação. Como padre novo, fiz vários cursos, pequenos cursos, não só na Europa como no Brasil também. Aqui houve uma revolução que foi o Concílio Vaticano<sup>57</sup>. Começou a mudar muita coisa, muitos padres não entenderam direito o Concílio, pensaram que tinha de acabar com Concílio, acabar com tudo. Sofri muito para dar esse equilíbrio, estudando o que é o Concílio, para que serve o Concílio, o que eu devo conservar... Porque é diferente... Ouro Preto é diferente do Pantanal, é diferente de outras cidadezinhas. Eu tinha de equilibrar a arte e a cultura, o *modus vivendi*, o modo de viver de Ouro Preto. Então, acho que Deus me pôs isso na cabeça. Como padre novo, sofri bastante, graças a Deus. Ou no tempo da Revolução...

**Keka Simões** – Revolução de 1964<sup>58</sup>?

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]<sup>59</sup>

**Keka Simões** – O senhor estava falando da época de 1964...

**Padre Simões** – De 1964. Muitos problemas aconteceram aqui em Mariana, com os padres, seminaristas. Muitos problemas aconteceram com os estudantes de Ouro Preto. Eu era capelão. Eu tenho um segredo profundo, que só Deus vai saber. Eu liberei muita gente da cadeia, até muitos sacerdotes; era injustiça da Revolução. Aí eu não quis... Na marcha para Três Rios<sup>60</sup>... Saí do

---

<sup>54</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>55</sup> Refere-se à Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

<sup>56</sup> Dom Oscar de Oliveira, Arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1960 a 1988.

<sup>57</sup> Concílio Vaticano II.

<sup>58</sup> Refere-se ao golpe civil-militar de 1964, que depôs o Presidente João Goulart.

<sup>59</sup> Interrupção para reposicionar o entrevistado.

<sup>60</sup> Até o momento, não foi possível obter informações sobre essa marcha.

Exército e fiquei no... Não sou militar. Acompanhei esse sofrimento todo, essa injustiça para muitos. Interessante... Mais tarde houve um grande roubo aqui no Pilar, em 1972. Eu estava vindo da Europa e roubaram as peças, que não foram encontradas até hoje. Pessoas poderosas!

**Keka Simões** – Roubaram peças da... Como entraram na Igreja, o que levaram?

**Padre Simões** – Em 1972... Ficaram dentro da Igreja de um sábado para domingo... Eles já tinham programado. Roubaram 16 peças preciosíssimas da fundação da Paróquia do Pilar, da inauguração da Igreja, de um movimento que existiu em 1733, chamado Triunfo Eucarístico – uma beleza de procissão, de caminhadas, de teatro, de música, de tudo! Essas peças estavam no subsolo, na primeira sala de um museu que tinha feito aqui. Eu tinha viajado e nesse dia fui convidado para fazer uma bodas perto de Ouro Preto, perto de Santa Rita<sup>61</sup>, em um lugar chamado Bandeira<sup>62</sup>. Quando voltei, voltei tarde, a Igreja fechada. Foi nessa noite justamente que eles roubaram. Ficaram dentro da Igreja... Roubaram 16 peças de ouro, prata, coroas de ouro e pedras preciosas, a imagem da padroeira Nossa Senhora do Pilar, uma imensa custódia – lugar de colocar a hóstia consagrada –, espécie de uma urna de ouro, uma coisa espetacular! A única que existia aqui do Barroco, da arte cultural, não é? No dia seguinte, quando a gente foi cedo para a missa, a Igreja estava toda aberta e pessoas chorando... Fomos atrás da polícia, não encontrava polícia... Aí começou o ti-ti-ti. Como eu tinha voltado da Europa, e sabia um pouquinho de arte, comecei a explicar que poderia ter sido assim, poderiam ter entrado assim, ficaram com isso... Acho que alguns policiais deduziram que eu poderia ser o autor intelectual do crime. Então fiquei em casa, em prisão domiciliar, e também na cadeia. [emoção] Depois que saí, fiquei de... Isso aconteceu no dia dois de setembro de 1972. Acho que foi em 1972 ou 1973. Depois que eu comecei a caminhar com o povo, Festa do Bom Jesus em 14 de setembro... Nesse tempo, eu sofri muito. Muitos padres... Muita injustiça, muita pressão. O povo é interessante, não é? Os policiais me pressionavam como se estivessem querendo que eu ajudasse a pressionar os outros: “Não é procê, não!” Eu sabia que era para mim; eu acho que sou

---

<sup>61</sup> Santa Rita de Ouro Preto, distrito de Ouro Preto.

<sup>62</sup> Distrito de Ouro Preto.

inteligente, não é? Então isso tudo foi sofrimento. Muitas pessoas simples sofreram como se fossem os responsáveis, e a culpa caía sobre mim, como se eu tivesse “dedado” a turma e...

**Keka Simões** – Várias pessoas foram procuradas, chegaram a ser presas?

**Padre Simões** – Foram, várias pessoas, injustamente. Eu fiquei com a fama, não é? Porque eu era responsável pela Igreja: “Se estavam procurando coisas da Igreja, certamente foi o padre quem mandou procurar a gente”. Nunca acusei ninguém! Eu também era um dos acusados, não é? Tudo isso aconteceu nessa época. Agora, até hoje... Aí eu corri o Brasil todo, estudei profundamente a Arte, a Museologia; já tinha feito um museu básico aqui, Museografia. Um delegado muito amigo, Doutor Walter Igor, de origem russa, já falecido, viu que eu estava sofrendo, que eu não era culpado. Com sua ajuda, conseguimos uns policiais mais conscientes e rodamos antiquários e colecionadores do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo – eles como se fossem compradores de arte, e eu como conhecedor. Mudei minha caderneta, só meu retrato, não é? Minha posição era ir com eles para escolher a arte, pedaços de altar, imagens, coisas sacras para montar uma capela na fazenda deles. Eles foram com documentos falsos, como se fossem donos de acervos. Um verdadeiro drama! Nós treinamos bem, só você vendo! Eles se passaram como donos de algumas plantações de soja, no centro de Goiás; a polícia conseguiu empréstimo de um carro que estava saindo, novinho, Chevrolet. Chegamos a São Paulo em um Chevrolet, ficamos em um hotel caríssimo, e as pessoas que iam vender para gente... Se estivesse em uma pensão e com carro emprestado: “Esse é um safado também!” Não é? Então tudo foi pensado. Estive no submundo: lavagem de dinheiro, boates, pessoa trocando mensagem para não ser presa, para mostrar que aquele antiquário tem uma peça... Corri São Paulo... Várias casas de peças, por exemplo, nos Jardins<sup>63</sup>... Se você for lá hoje, tem colossos de portas abertas vendendo coisas religiosas, não é? Isso é uma verdadeira história, pouca gente grava isso. Então a gente visitava... Parecia boteco. Em vez de ser boteco de cachaça, era boteco de vender peças artísticas que vinham do Sul de Minas, de Mariana, de Ouro Preto, do interior de Minas: pedaços de igrejas que caíam, pedaços de

---

<sup>63</sup> Bairro de São Paulo.

fazendas... Nem tudo era de igrejas. Havia peças de capelas particulares de fazendas, de roubos aí da beirada do Rio de Janeiro, Paraty<sup>64</sup> também. Eu entrei nessa, um verdadeiro conhecimento! Por causa do meu roubo aqui eu entrei nessa lavagem de dinheiro. Descobriram que as pessoas faziam... Até isso eu vou falar aqui. Às vezes, uma pessoa importante fazia uma grande festa de 15 anos para a filha; naquele tempo dava pérola, aqueles negócios bonitos, não é? Mas como é que eles arrumavam dinheiro para não entrar no imposto de renda? Eles iam a uma pessoa que tinha dinheiro, dólar – porque eles guardam dólares em cofre –, pegavam aquele dinheiro para fazer a festa e davam como guarda, como defesa daquele empréstimo, uma imagem que valia aquele tanto que eles emprestavam... Hiii... Aprendi muita coisa! Vocês não sabem nada, não é? Aí que está a minha luta por Ouro Preto. Vocês me vêem como esse tipo corajoso... Certamente já tenho um certo nome mais de briga do que de um pobre coitado, por causa disso. Eu vivi na carne esse sofrimento e procurei viver a realidade, não é? [emoção] Safados e muitos políticos, todos são abençoados... [ironia] Safadezas dos políticos, verdadeiros... Todo político depois que ganha o nosso... Estou falando isso com muita sinceridade e assumo, escrevo embaixo. Muitos políticos que são eleitos com os nossos votos viram doutores – verdadeiros analfabetos viram doutores, com festas especiais, recepções especiais. Mal sabem eles que são representantes do povo pobre, angustiado, perdido, sem saúde, sem emprego, sem escola, sem família, sem nada, não é? Há políticos espetaculares, bons. Estou falando desses picaretas, não é? Você pode notar que muitos políticos não sabem nem o que é arte, mas têm coisas de arte enfeitando suas casas: imagens de santos, móveis, cadeiras. Hoje todo mundo importante tem Aleijadinho<sup>65</sup>. Se Aleijadinho trabalhasse 500 anos dia e noite, com 500 artífices em computador, ele não faria um décimo do que dizem que ele fez! [riso] A verdade é essa. Então, quando é madame, quando é rico, quando é importante, quando tem coleção: “Isto aqui é Aleijadinho!” Aleijada é a consciência deles! Tudo isso é a vivência que nós temos.

**Keka Simões** – O senhor tocou na questão dos políticos. Em Ouro Preto, quais eram as forças políticas locais? Existiam grupos ou partidos políticos

---

<sup>64</sup> Município do Rio de Janeiro.

<sup>65</sup> Cognome de Antônio Francisco Lisboa, considerado o mais importante artista do Barroco mineiro.

tradicionais na cidade? Como eram as campanhas eleitorais? Como era a vida política em Ouro Preto?

**Padre Simões** – Mariana era Esquerda e Direita<sup>66</sup>, não é? Pessoa vinha de lá para cá no passeio que a gente ia do lado esquerdo, ela saía e ia para o direito. Até nessas coisinhas que não têm valor. O contrário também, não é? Em Ouro Preto, era uma espécie de conservadores e aqueles que eram de reações; uma espécie de republicanos e democratas. Tínhamos aqui também, naquele tempo, o MDB<sup>67</sup> e a ARENA<sup>68</sup>, não é? Então era uma espécie de esquerda e direita, já desses últimos tempos para cá. Era forte a política aqui. Mariana era mais divisão mesmo: o padre, o bispo entrava para aquele lado, então era contra o clero ou a favor do clero. Aqui não, aqui já era mais uma questão sentimental, filosófica, de grupos de família. A política era repetitiva. No começo, geralmente as pessoas eram mais aquinhoadas, mais intelectualizadas, mais estudadas. Aí mais tarde surgiu o PTB<sup>69</sup>, puseram um M<sup>70</sup> na frente do PMDB, tiraram a ARENA e puseram outros nomes por aí, PSDB<sup>71</sup> e tal, não é? Então houve evolução política. Mas era muito forte a política em Ouro Preto. Naquele tempo não tinha ICM, os vereadores não recebiam cômputo. Era uma briga... Era posição... Professores, advogados, comerciantes, até padres queriam ser vereadores. Não ganhavam nada, mas ganhavam nome porque administravam a cidade. Então era uma briga da vaidade. Hoje é a briga do dinheiro; da ignorância, não! Muitos são inteligentes, mas a briga do dinheiro... Antigamente era da vaidade. Então isso era a política aqui, em Ouro Preto. Eram grandes homens, grandes homens!

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]<sup>72</sup>

---

<sup>66</sup> Designações das duas facções políticas que lideraram a política marianense durante o século XX.

<sup>67</sup> Movimento Democrático Brasileiro, criado em 1965, a partir do Ato Complementar n. 4, para ser um partido de “oposição responsável” ao governo militar.

<sup>68</sup> Aliança Renovadora Nacional, criada em 1965, a partir do Ato Complementar n. 4, para ser o partido político de apoio ao governo militar.

<sup>69</sup> O Partido Trabalhista Brasileiro foi organizado em 1945, sobretudo a partir da estrutura sindical corporativa montada por Getúlio Vargas nos anos 1930. Em 1965, o governo militar, por meio do Ato Institucional n.2, extinguiu todos os partidos políticos em funcionamento legal, inclusive o PTB. Com a redemocratização do país na virada da década de 1970, o PTB ressurgiu na vida política brasileira, sob a liderança de Ivete Vargas.

<sup>70</sup> O entrevistado confundiu-se ao falar, trocando o P (de Partido) pelo M.

<sup>71</sup> Partido da Social Democracia Brasileira, fundado em 1988.

<sup>72</sup> Interrupção para reposicionar o microfone do entrevistado.

**Keka Simões** – O senhor falou de uma situação grave que o senhor viveu como pároco. Quais outros tipos de problemas ou dificuldades o senhor enfrentou como pároco, em Ouro Preto? Houve problemas?

**Padre Simões** – Vários, vários, vários, vários, vários. Mesmo na política, no tempo da Revolução, eu não aceitava que Ouro Preto fosse uma cidade que não tivesse oposição. Todo mundo era a favor. Então eu apoiei... Naquela época, como sacerdote, eu não podia... Mas, um dia, o Ulisses Guimarães<sup>73</sup> e o Tancredo Neves<sup>74</sup> me convidaram para ser o coordenador da oposição em Ouro Preto. “Ah! Não posso”. “Não, você fica lá, orientando”. Eu fui uma espécie de secretário de pensamento para apoiar a turma, não é? Aí nós enfrentamos como oposição, e começou a nascer o MDB em Ouro Preto. Na Praça Tiradentes, Tancredo Neves, com o Ulisses Guimarães, disse que não aceitaria que Ouro Preto não tivesse oposição. *Libertas quae sera tamen* – Liberdade embora tardia –; a terra da liberdade sem uma oposição. Isso é clássico! Aí eu fiquei afamado aqui, no contra, não é? [riso] Começaram a surgir os primeiros vereadores do MDB. Quando lançamos um candidato a prefeito, o candidato da época ficou meio preocupado; até então era um só candidato. Então eu falei com ele: “Ô Genival Alves Ramalho!” – uma pessoa admirável, muito meu amigo, ainda vivo – “Ô Seu candidato, Seu Prefeito, que é isso? Eu vou me candidatar!” É claro que eu não podia, não é? “Eu vou me candidatar!” Eles ficaram com medo: “Hiii! Se o padre se candidatar, nós estamos perdidos...” Assim eles pensavam. Resultado: ele fez a união comigo. Olha só! Começou a apoiar uns dois ou três nomes do MDB para vereador. [riso] Coisa inédita, não é? Por isso eu acredito, quando uma cadela alimenta uns gatinhos, como passa na televisão de vez em quando... Então, para que vocês vejam o a favor e o contra...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]<sup>75</sup>

**Padre Simões** – Não estou ganhando dinheiro nenhum... Houve reações contra mim e eu também contra eles. Falar que só a gente é que acerta é mentira. Cada um tem seus erros. Agora, nessa época estava muito difícil a

---

<sup>73</sup> Político, já falecido, que pertencia ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

<sup>74</sup> Ex-presidente da República, já falecido. Pertencia ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

<sup>75</sup> Interrupção para reposicionar o microfone do entrevistado.

nossa angústia aqui, não é? Daí que houve esta divisão: uns falam que eu sou a favor deste ou daquele, ficou esse veneno.

**Keka Simões** – Como sacerdote, quais alegrias ou recompensas o senhor guarda na memória?

**Padre Simões** – Antes de falar isso, que são tantas... Eu presenciei vários crimes aqui: das irmãs Poni<sup>76</sup>; ultimamente daquela Aline<sup>77</sup>, nas Mercês<sup>78</sup>; outros crimes sofridos por pessoas boas, humildes, que não foram desvendados até hoje. Houve muita mentira política, muito... Pessoas importantes visitaram Ouro Preto quando tomei posições na hora de... Meu modo de falar, representar o povo, de criticar. Hoje, praticamente, sou um velho vigário e, às vezes, me colocam como bandeira de Ouro Preto. Nada! Eu sou um pau-de-arara. Mas sofri muito nessas épocas, não é? Há poucos anos, me agrediram em frente da casa. Tomei um couro<sup>79</sup> danado! Pessoa pobre, ainda mais quando é dependente de algum tóxico, de álcool, pessoa boa, certamente mandada, achava que sentia vontade de matar um padre, aqui e em Mariana. Então me escolheram. No fim, eu falei com ele: “Por que você não escolheu outro, ô Seu?” [riso] É claro que perdoei, é pessoa boa. Ficou preso, mandei tirar da cadeia. Tudo isso não é por causa de virtude, não. É questão de consciência mesmo. Agora, tive muita alegria. Muitas pessoas boas passaram por Ouro Preto: artistas, pesquisadores, teatrólogos, repórteres, gravações. Tive mais coisas positivas do que negativas, com toda a sinceridade. Se eu tive 30% de negativo foi *struggle for life*: a luta da vida. *It is my story*: esta é minha história. Eu tive muito mais coisa positiva, embora tenha vivido problemas nas famílias dos outros, na minha família, meus irmãos, a minha mãe que morreu. Tudo isso é um sentimento, é um ai! Mas eu tive muito mais alegria do que tristeza e falo isso com muita sinceridade. Para mim, Ouro Preto é um encanto, é um mistério insondável! Quando falam que Ouro Preto tem fantasma eu falo: “Tem”. O fantasma está sempre dentro de nós; ele não existe. Existe dentro de nós, na nossa consciência, nossa alma, nossa inteligência, nossa espiritualidade. Então... Pessoas me procuram, com muita honra para Ouro

---

<sup>76</sup> Refere-se a um crime cometido na década de 1960, em Ouro Preto, envolvendo figuras da alta sociedade mineira.

<sup>77</sup> Refere-se à estudante assassinada em Ouro Preto, durante uma comemoração do aniversário da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, conhecida como Festa do Doze.

<sup>78</sup> Capela de Nossa Senhora das Mercês.

<sup>79</sup> Surra.

Preto e para mim, principalmente. Pessoas do mundo todo. Na minha pessoa deram vários prêmios, várias medalhas para Ouro Preto. Tem um colosso de coisa inútil aí [riso]: placas, medalhas, comemorações e tal... No tempo em que o Zé Aparecido<sup>80</sup> era embaixador em Portugal, eu estive pessoalmente com o Papa João Paulo II; estava representando o Brasil com a equipe de Portugal. Comecei a conversar com ele num latim macarrão. Ele virou para mim – aquele homem cabeça grande – e replicou: “Nom... nom... nom... Latim nom... Português do Brasil”.<sup>81</sup> Falou assim comigo! Então eu conversei com ele, me abraçou, tirou uma cruz papal, uma condecoração que ele dá para as pessoas que o visitam. Eu tenho aí. Vocês estão sabendo hoje, hein! Ninguém sabe disso. Nunca bateram palma, nem eu quis isso. Me deu a cruz, agradeço [expressão em latim]: a defesa da fé e da arte... Me deu a cruz. Ouro Preto é fabulosa nesse sentido.

**Keka Simões** – Eu queria que o senhor falasse mais um pouquinho sobre as igrejas e a paisagem de Ouro Preto.

**Padre Simões** – Para mim, Ouro Preto é uma poesia na sua própria ecologia, no seu próprio modo de ser, geografia, no tempo e no espaço. As montanhas tortas e certas são o movimento barroco ouropretano. As igrejas barrocas são dentro do barroco da natureza. Se Ouro Preto não existisse com essas montanhas, seria uma cidade barroca, bonita, linda como Mariana, mas enquadrada, com suas casas perfiladas, com seus quarteirões. Ouro Preto não tem quarteirão. Ouro Preto tem marcha pelas montanhas, pelas encostas, pelos *canyons*, pelos abismos. Ouro Preto é isso. Quando eles querem uma definição do Barroco, eu falo: “É só olhar Ouro Preto”. Por exemplo, uma igreja fechada há muito tempo – e por isso pessoas criticam – deve ficar fechada, porque por dentro, às vezes, ela é feia, está maltratada, esquecida da arte e da cultura, até da fé. Mas ela é linda quando está naquela montanha! Se tirarem aquela igreja dali, fica faltando um dedo de Ouro Preto, uma mão de Ouro Preto. Por isso Ouro Preto é uma rua, uma casa encostada na outra... Isso se chama parede meia. Se colocarem duas paredes, uma do vizinho e outra para mim, a casa cai. Uma casa tem de ajudar a outra; por isso é de pau-a-pique. Debaxo dessas casas eles procuravam ouro. Toda casa aqui podia ter um filão

---

<sup>80</sup> José Aparecido de Oliveira.

<sup>81</sup> O entrevistado imita a fala do Papa João Paulo II.

de ouro. Em Ouro Preto tem a chamada “as paredes têm ouvido”. Quando os vizinhos brigavam, eles punham a orelha na parede fina e escutavam: “Estão brigando hoje... Hiii!” “Xingou a mulher dele...” “Bateu no filho”... “Bebeu”. Isso se chama Inconfidência Mineira. Muita gente não fala sobre isso, não é? As paredes de Ouro Preto têm ouvidos, para depois pregar o que ouviu do bem e do mal, para pregar a liberdade. Tudo isso é muito bonito! Agora, se você tem uma igreja solta, como a Igreja do Pilar, rica em ouro, embora cheia de poeira – vai ser remodelada agora –, sem aquela angústia do Aleijadinho no São Francisco, tem a caracterização dos nossos irmãos negros no Rosário<sup>82</sup>... Para mim, as igrejas de Ouro Preto valem pelas suas posições. Por exemplo, eu já andei de helicóptero por aqui umas duas ou três vezes, com repórteres, com a **Manchete**<sup>83</sup>. Coisa incrível! Os telhados de Ouro Preto são coisas... É coisa ímpar! Dentro de Ouro Preto, você não vê a beleza de Ouro Preto. Você vê carro, fica chateado, com vontade de brigar com o sujeito. Você sobe a Praça Tiradentes... Aquelas casas lindas, antigas, mas todas praticamente um pouco falsas. Tudo virou casa de pedra, casa de *souvenir*, tudo virou bar. Não tem casa de família ou para a família. É quase um americano... Casa de *bang-bang*: tem só aparência. Então Ouro Preto precisa guardar a alma. A alma de Ouro Preto é esse estilo. Mais nada do que isso. Porque igreja bonita tem o Pilar, mas tem Tiradentes, Santo Antônio<sup>84</sup>, tem a Penitência<sup>85</sup>, do Rio de Janeiro, tem na Bahia. Cada uma na sua qualidade, no seu modo de ser, na sua história. Mas Ouro Preto não existe! Não é porque eu seja ouropretano, não! Saiba que eu estudei com uns franceses e há pouco tempo, uns dois ou três anos, eles estiveram aqui. Dentre os franceses tinha uma professora que foi minha colega de Leitura da Arte, na França. Ela veio, me abraçou, fiquei até desconfiado... Ela estava toda assim, velha mesmo! Não conheci... Depois ela falou, em espanhol: “Não, eu conheço”. Aí eu recordei nosso tempo: estudávamos juntos, fotografávamos, não sei o quê... Ela elogiou tanto Ouro Preto... Trouxe uma turma de grandes professores da Europa, a maior parte era de colecionadores de Petit Palais, Museu do Louvre, não sei o que lá. Vieram fazer um estudo sobre Ouro Preto. No fim, eu perguntei a ela: “O que

---

<sup>82</sup> Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

<sup>83</sup> Rede Manchete de Televisão.

<sup>84</sup> Igreja Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes, município de Minas Gerais.

<sup>85</sup> Ordem Terceira da Penitência.

tem em Ouro Preto? Por que Ouro Preto é tão importante para vocês?” Ela me disse uma coisa espetacular: “Europa tem a Bélgica, tem a Suíça, tem Roma – aquela beleza! –, tem a França, tem a Dinamarca, Alemanha. Tudo é Idade Média. Palácios, casas no mesmo estilo – preciosíssimas, incríveis! –, praças, monumentos, chafarizes... Mas tudo é Idade Média. Ouro Preto tem só uma: de pau-a-pique, de ouro, de topázio, de escravo, de tudo... E nós não temos Ouro Preto”.

**Keka Simões** – O senhor contou um pouquinho do trem. O senhor tem mais alguma lembrança relacionada à Estação, ao trem? Como era a viagem de trem?

**Padre Simões** – Eu contei o trajeto de Burnier, mas não contei de Ouro Preto para Mariana. Esses túneis... No início ou no fim das férias, quando a gente pegava o trem de Mariana para Ouro Preto ou de Ouro Preto para Mariana, os que vendiam geléia dentro do trem... Tinha um tal Zé Geléia<sup>86</sup>, figura folclórica de Ouro Preto... Antes de entrar no túnel, ele falava: “Coisa melhor do mundo para andar no túnel, contra a fumaça, é minha geléia! Minha geléia tem vinho e tem mocotó verdadeiro”. E vendia para todo mundo, porque o pessoal ia entrar no túnel com aquela fumaça de carvão, não é? Todo mundo desandava a tossir... [riso] Então comia a geléia e melhorava... [riso] Vendia tudo! Quando chegava a Ouro Preto, quando chegava a Mariana ele já tinha vendido tudo. Agora, por exemplo, tem um caso... Eu não peguei esse caso. Está fazendo 100 anos que a Diocese de Mariana se tornou Arquidiocese – arquipélago: conjunto de ilhas; arquidiocese: conjunto de dioceses... Vinha de Mariana para Ouro Preto o grande Bispo, foi o primeiro Arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta<sup>87</sup>. Um padre preto de inteligência cristalina, não é? Ele era de Congonhas<sup>88</sup>, estudava debaixo dos lampiões, um homem santo e sábio. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]. Então, ele vinha a Ouro Preto. Um doutor estudante viu o Bispo com aquela cruz de bispo e gritou para todo mundo assim: “Vocês sabem qual é a diferença entre um burro e um bispo?” Ninguém sabia, não é? Então ele falou: “Ah! É muito fácil. O bispo traz a cruz no peito e o burro traz a cruz nas costas!” Foi aquela risada! Chegando a Ouro

---

<sup>86</sup> O entrevistado não mencionou o nome.

<sup>87</sup> Dom Silvério Gomes Pimenta foi professor, orador sacro, poeta, biógrafo, prelado e Arcebispo da Arquidiocese de Mariana. Faleceu em 1922.

<sup>88</sup> Congonhas do Campo, município de Minas Gerais.

Preto, muito humilde ele se levantou: “Vocês sabem a diferença entre este senhor aqui e um burro?” “Não, senhor”. “É porque não existe diferença nenhuma”. [risos] “A diferença entre esse senhor aqui e um burro?” “Não, senhor”. “Não existe diferença nenhuma”. Foi aquela vaia, mas aquele muxoxo também. São tantas coisas interessantes, não só a do Zé Geléia, a do Dom Silvério também... Aliás, é muito importante esse trecho que estão restaurando. Com a decadência de Ouro Preto, quando a capital foi para Belo Horizonte... Muita pobreza, muita doença, muito abandono, muita casa abandonada. Então, esse Dom Silvério vendeu tudo o que podia em Mariana, da Diocese, e fez a fábrica de tecidos onde é a Vitorino Dias<sup>89</sup>, e pôs a primeira usina de luz elétrica. Iluminava feito um tomate! Ele fez aquilo. Depois, máquinas inglesas... Mas ele não sabia administrar, não deu certo... Resultado: ele vendeu para o Vitorino Dias, que deu o nome à estação hoje, Vitorino Dias. Aí ele aumentou a fábrica de tecidos. Pessoa de raízes, de política, não é? Mas foi esse Bispo que quis salvar a pobreza de Ouro Preto<sup>90</sup>. Ali se pôs a primeira usina hidroelétrica de Ouro Preto. Não é só aquela que tem lá perto de Bicas, perto de Juiz de Fora<sup>91</sup>, não. Como também ali o Exército... A 10ª Companhia de Caçadores era onde é o CEFET<sup>92</sup> hoje, a Escola Técnica... Perto dessa fábrica, eles faziam pólvora; chamava-se piquete. Também tinha lá um conjunto inglês de fornos, espetacular, para fazer a preparação da pólvora, não é? Depois saíram daqui... O Exército... Picaram aquilo e venderam como ferro velho. Perto dessa estrada parava o trem para pegar os galões de pólvora que eles faziam ali. Essa estrada tem uma coisa: um mirante perto de Passagem. Passagem é mina de ouro. Eles paravam ali para ver o poderio dos ingleses também, onde iam minerar, onde tem também o terceiro operário, para segurar o resultado do ouro que vinha em caixas fechadas, em latões especializados. Tem muito mais coisa... Briga já vi na Estação de Ouro Preto por causa de Mariana, esse ciúme... Mariana não gosta de Ouro Preto, Ouro Preto não gosta de Mariana, aquelas bobagens de política. Também festas, pessoas importantes chegando à Estação, bandas de música, não é?

---

<sup>89</sup> Vitorino Dias era uma estação ferroviária localizada entre a Estação de Passagem de Mariana e a de Ouro Preto.

<sup>90</sup> Provavelmente, o entrevistado quis dizer “salvar Ouro Preto da pobreza”.

<sup>91</sup> Bicas e Juiz de Fora são municípios de Minas Gerais.

<sup>92</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica, antiga Escola Técnica Federal de Ouro Preto.

**Keka Simões** – A Estação era enfeitada?

**Padre Simões** – Enfeitada com bandeiras, flores, pedaços de bambu em arcos triunfais. Quando Dom Pedro<sup>93</sup> inaugurou aqui, veio em um carro especial que hoje está no Museu de Petrópolis<sup>94</sup>, se não me engano... É por ali... Ou Três Rios<sup>95</sup>. Um carro todo enfeitado, com leito, cozinha, uma instalaçãozinha com lugar para receber pessoas, lugar de dormir... Um vagão-hotel de altíssimo gabarito. Eu lembro que visitei esse carro. Então, tinha um lugar onde a pessoa fazia sua barba, sua higiene; tinha o lugar onde seria a instalação sanitária: era uma cadeira bonita, bem enfeitada e com almofada por cima. Você tirava a almofada, virava um vaso sanitário; debaixo é que tinha o urinol ou “dotô”, ou penico, como vocês quiserem. Depois que ele fazia o que ele queria fazer – ou ele ou a rainha ou quem quer que seja –, punha uma tampa, guardava aquilo para não dar o “perfume”. Sendo de pessoa importante é perfume, não é? Na primeira estação, o sujeito levava aquilo, dava um jeito de limpar aquilo e tal. Geralmente esse urinol... Todos de influência inglesa, todas louças especiais, enfeitadas de florzinhas... Então isso é a estrada. Daqui ele inaugurou a estrada; mais tarde é que foi para Mariana. Não foi até Mariana, não; foi até Ouro Preto, de São Julião dos Ingleses até Ouro Preto, depois é que foi para Mariana. Agora, eles estão rememorando essa união de Mariana com Ouro Preto, não é? Coisas incríveis... Brigas, pessoas vendendo pastelzinho nas estações... Aqui, em Mariana, paravam nesse lugar chamado “panorâmico”. Eu lembro que gostava que parassem lá, para comprar pastel de nata, uma coisa fabulosa! A gente quebrava assim<sup>96</sup>, aquela casquinha gostosa! Era uma família portuguesa que... Isso veio de Portugal. A família vivia ali com o balainho. Aqui, em Ouro Preto, era bolo de feijão que se vendia na Estação. Coisa quentinha, coisa gostosíssima! Vendiam tudo!

**Keka Simões** – Eram famílias que...

**Padre Simões** – Famílias, famílias, não é? Onde hoje estão restaurando, o Vitorino Dias, chegando em Mariana, Ouro Preto, esses lugares, Passagem... Muita gente ganhava dinheiro à custa de estação. Aquela turma de rapazinhos,

---

<sup>93</sup> Refere-se ao Imperador Dom Pedro II.

<sup>94</sup> Museu Imperial de Petrópolis.

<sup>95</sup> Município do Rio de Janeiro.

<sup>96</sup> O entrevistado faz gesto como se estivesse partindo o pastel.

mocinhas, tudo ali: “Ó pão, ó pão de queijo, docinho, pipoca”<sup>97</sup>, não sei o quê... A gente ouvia aquela gritaria: “Olha! Aqui tem pão com lingüiça!”<sup>98</sup> Vinha aqui direitinho, bem feito, e por assim dizer higiênico, naqueles balainhos enfeitados com aquelas... Me lembro, meu Deus! Eles punham nos balaios aqueles panos desenhados, todos bordados, não é? Verdadeira obra de arte! [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]. E Maria Fumaça<sup>99</sup> porque era fumaça. Por que é Maria? Porque eles colocavam... Toda máquina é feminina, a Maria, a Fumaça, toda essa beleza! Então disso eu tenho saudade. Andei muito nisso. Até quando parou – em 1982 ou 1983, sei lá – eu fui dar a última palavra: pediram que eu desse a palavra “pára”. Eu falei: “Bem, são vocês que estão parando. Eu tenho certeza de que, no futuro, ela vai voltar. Não se esqueçam desta palavra: ‘ela vai voltar’”.

**Keka Simões** – Padre Simões, já fiz todas as perguntas. Você tem alguma pergunta, Bernardo?

**Bernardo Andrade** – Não.

**Keka Simões** – Em nome do Projeto, eu gostaria de agradecer sua entrevista. Como sempre, o senhor contribui muito para preservar a memória nacional e, em especial, ouropretana. Muito obrigada.

**Padre Simões** – Eu agradeço. Sejamos Brasil, Minas, sejamos Ouro Preto! Muito obrigado.

**[Término da entrevista]**

---

<sup>97</sup> Imita a maneira de apregoar os produtos.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Apelido de locomotiva movida a vapor.